

# O Jardim Botânico do Rio de Janeiro

O Jardim Botânico do Rio de Janeiro nasceu sob a graça do príncipe regente D. João, recém-chegado ao Brasil com a corte portuguesa, com a invasão de Portugal por Napoleão.



Marc Ferraz

Jardim Botânico do Rio de Janeiro, cerca de 1885

Charles de Ribeyrolles, em 1858, celebrava essa oferta do então futuro rei de Portugal à cidade:

*Maravilhoso oásis esse terreno emoldurado de altos morros, recebendo do mar a brisa fresca por uma fresta que se lhe abre em frente. Contudo, há cinqüenta anos, não era mais que poeira e pântanos pestíferos. É hoje jardim das plantas, das ba-*

*naneiras e das essências. E essa risonha metamorfose deve-se ao rei D. João VI. Se ele pouco se dava às ideias e às guerras, comprazia-se com as flores. Deus proteja e perfume a sua alma.*<sup>1</sup>

A origem desse lugar está no decreto de 13 de Junho de 1808, que mandava preparar "terreno necessário ao estabelecimento de um jardim de

aclimação, destinado a introduzir no Brasil a cultura de especiarias das Índias Orientais". Em Outubro, esse recinto passou a denominar-se Real Horto<sup>2</sup>.

A década de 1810 foi fundamental para a consolidação do Jardim Botânico e de um esforço de organizar uma rede de estabelecimentos congêneres em outras partes do Brasil. Em 1810, a recém-criada Imprensa Régia publicava o Discurso sobre a utilidade da instituição de jardins nas principais províncias do Brasil, de Manuel Arruda da Câmara. Ele defendia a importância econômica da agricultura nos moldes fisiocráticos, propondo uma política em benefício do Brasil:

*S. A. R. o Príncipe Regente Nosso Senhor olhou sempre para a agricultura como para a principal fonte da riqueza e abastança do seu Reino; e se Portugal lhe merece um Paternal desvelo e cuidado, que atenções lhe não merecerá o Brasil, seu Principado, que além de ser mais extenso do que toda Europa, é fertilíssimo, e capaz de toda produção?*<sup>3</sup>

Em 1814, D. João mandou iniciar a cultura de chá no Horto Real com a vinda de chineses para o cultivo da bebida. Embora oficialmente denominado Jardim Botânico em 1819, apenas a partir de 1823 um especialista assumiria a sua direcção: o frei Leandro do Sacramento. "O jardim de aclimação se transformou, por

esse facto, em jardim botânico, abandonando, portanto, o terreno da simples introdução da cultura empírica para passar a trabalhos mais sérios de experimentação e de estudo", comentou Barbosa Rodrigues<sup>4</sup>. Segundo este, em 1825 o Jardim distribuiu plantas e sementes para os jardins do Pará, Pernambuco e Bahia e, quatro anos depois, fez permutas com o Jardim Botânico de Cambridge. Esse momento auspicioso durou pouco: com a morte de frei Leandro em 1829, o Jardim Botânico do Rio de Janeiro cairia no marasmo científico.

### O ENCANTO OU A CIÊNCIA

O alemão Carl Seidler, um azedo viajante no Rio de Janeiro dos anos 1830, foi condescendente diante do Jardim Botânico:

*...penetramos... no esplêndido jardim, ornado de todos os tesouros do reino vegetal, e que tem uma área de cerca de duas léguas quadradas. Aqui se vê claramente com que infinita bondade, poder-se-ia dizer com que predilecção, a mãe natureza abençoou a esta terra abundantemente, mais que a todas as outras. As plantas de todas as zonas, naturalmente exceptuadas as do extremo norte e as do extremo sul, medram aqui exuberantemente e com pouco trato de mão humana.<sup>5</sup>*

Cientificamente céptico, mas poeticamente embevecido, Charles de Ribeyrolles contrapunha a riqueza paisagística à "limitação" botânica:

*Nesse jardim, pobre em espécies, deficiente quanto à ciência, se ostenta dupla colunata como jamais tiveram palácios e templos. É uma aldeia de palmeiras em dois renques. Regularmente espaçadas, cheias em baixo, de fuste esbelto, abrem-se em capitel numa coroa de flores. [...] Esse primeiro aspecto de grande alameda ao mesmo tempo encanta e impressiona. Não se quer ver nem procurar mais nada. Faz-se a corte às palmeiras. [...] Mas aqui domina o exótico, o que é lamentável dano. A aclimação é dever e necessidade*



Jardim Botânico do Rio de Janeiro, cerca de 1880

*para essa pobre Europa esgotada de germes, que sabe o que possui. Aqui a terra é virgem e quase desconhecida. O primeiro trabalho deve-se ao solo, e anos bastantes se passarão antes que a exploração, hábil e paciente, acabe o seu inventário.*

E concluiu, secamente:

*O Jardim Botânico do Rio devia ser, antes de tudo, brasileiro.<sup>6</sup>*

Na ausência de uma actividade científica após a morte de frei Leandro, o recinto passou a ser uma área de divertimento. Ao assumir a direcção do Jardim Botânico do Rio de Janeiro em 1890, J. Barbosa Rodrigues procurou reorganizar as suas actividades. Perguntou-se: "como, pois, transformar um simples jardim de recreio, quase secular, em que os vegetais não podiam ser transplantados para colocá-los por ordem sistemática?"<sup>7</sup>

O discurso de Barbosa Rodrigues era claro: havia uma incompatibilidade entre um recinto com finalidades científicas e o lugar de passeio que ele encontrou. "Moralizar" o jardim, recompô-lo como "um terreno da ciência" com a retomada de actividades botânicas eram formas de superar o



Jardim Botânico do Rio de Janeiro, cerca de 1890

estigma. O Jardim Botânico do Rio de Janeiro deveria ser o santuário da ciência – dentro do espírito positivista em vigência –, e não do mundanismo – aquele que se firmou ao longo do século XIX. A veneração à ciência não era compatível com o culto das vaidades humanas. ■

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- <sup>1</sup> RIBEYROLLES, Charles de. *Brasil pitoresco: história, descrição, viagens, colonização, instituições*. Tradução por Gastão Penalva. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980, p. 192.
- <sup>2</sup> RODRIGUES, João Barbosa. *Hortus Fluminensis ou breve notícia sobre as plantas cultivadas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1894, P. III.
- <sup>3</sup> CÂMARA, Manuel Arruda da. *Obras reunidas*. Coligidas e com estudo biográfico por José Antonio Gonsalves de Mello. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1982, p. 199.
- <sup>4</sup> RODRIGUES, op. cit. p. IX.
- <sup>5</sup> SEIDLER, Carl. *Dez anos no Brasil*. Tradução de Bertholdo Klinger. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980, p. 64.
- <sup>6</sup> RIBEYROLLES, op. cit., p. 192.
- <sup>7</sup> Idem, p. XX, passim.

HUGO SEGAWA,  
Arquitecto,  
Professor da Faculdade de Arquitectura e  
Urbanismo da Universidade de São Paulo